



Os Telecentros e a Inclusão Digital: projetos locais como solução para uma interação global

Autora: Fernanda dos Santos Pereira Pinto

Co-autores: Renan Souza Barreto, Poliana Soares Luz, Anna Carolina Fernandes Lima

Docente orientador: Sandro Tebaldi

Universidade Candido Mendes, campus Niterói

Resumo

Em 1995, o governo brasileiro deu permissão para a exploração comercial da internet, dando-se, assim início a uma verdadeira revolução tecnológica no país, que passou a caminhar em direção a evolução já vivida em outros pontos do Globo. Mas aqui, bem como nos demais países que já contavam com a tecnologia de comunicação em rede, chegou um nova problemática: como levar os serviços e as possibilidades de interação social e política oferecidos pela Internet, em um país com tamanha desigualdade? Este trabalho faz um breve relato sobre programas locais de inclusão digital, os chamados Telecentros, debruçando-se especificamente em um projeto realizado pela prefeitura de Niterói, cidade da Região Metropolitana II do Rio de Janeiro, em parceria com o Governo do Estado do Acre, em 2007.

Palavras-chave: Inclusão digital; intercâmbio cultural; Niterói; projetos locais; telecentros.

Capítulo 1 – Histórico da Acessibilidade da internet no Brasil

A chegada da internet no Brasil aconteceu exatamente em 1991. Contudo, por aqui ela ainda engatinhava e só era utilizada em uma operação acadêmica subordinada ao Ministério de Ciência e Tecnologia. Seu uso mais amplo foi liberado em 1995, quando o governo brasileiro deu permissão para a exploração comercial tendo como empresa pioneira a Embratel.

É, também, nesse período que surge no Brasil o pensamento de internet como patrimônio público e, por isso, as autoridades começam a discutir uma ampliação nas



decisões no que diz respeito a ela. Nesse contexto, o Ministério das Comunicações (MC) e o Ministério das Ciências e Tecnologias (MCT), criam o Comitê Gestor Internet (CGI), em maio daquele ano. Uma nota publicada por esses órgãos na ocasião explicava sua composição, utilidade e importância.

(...)7.1 No sentido de tornar efetiva a participação da Sociedade nas decisões envolvendo a implantação, administração e uso da Internet, será constituído um Comitê Gestor Internet, que contará com a participação do MC e MCT, de entidades operadoras e gestoras de espinhas dorsais, de representantes de provedores de acesso ou de informações, de representantes de usuários, e da comunidade acadêmica.

7.2 O Comitê Gestor terá como atribuições principais: a) fomentar o desenvolvimento de serviços Internet no Brasil; b) recomendar padrões e procedimentos técnicos e operacionais para a Internet no Brasil; c) coordenar a atribuição de endereços Internet, o registro de nomes de domínios, e a interconexão de espinhas dorsais; d) coletar, organizar e disseminar informações sobre os serviços Internet(...)¹.

Capítulo 2 - Desafios da democratização da internet no Brasil

A promessa de trazer a público os serviços de internet passam, no entanto, a se confrontar com algumas realidades sociais e técnicas do país. O desejado “acesso universal”, que propunha igualdade de acesso para o maior número de pessoas de uma sociedade, era impedido pela exclusão educacional e financeira de algumas camadas da população.

Para que a conexão chegasse às residências, às escolas, aos escritórios e aos centros comunitários ainda se fazia necessário facilitar o acesso a baixo custo e capacitar os usuários, para que além de consumidores, passassem a ser produtores de informação. Além disso, o sistema ainda era carente de serviços locais, construídos em nosso idioma.

Fernanda dos Santos Pereira Pinto - 7º período de Comunicação-fernandaspp@yahoo.com.br

Renan Souza Barreto - 6º período de Comunicação-renancepar@gmail.com

Poliana Soares Luz - 5º período de Comunicação-polyluz86@hotmail.com

Anna Carolina Fernandes Lima – 7º período de Comunicação-carol.writer@hotmail.com



A primeira pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no Brasil, foi realizada uma década depois da criação do CGI. O órgão, em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pesquisou 23 questões básicas sobre penetração e uso da internet em domicílios e empresas brasileiras. Como a pretensão desse trabalho é tratar da acessibilidade social, voltada para pessoas físicas, vamos nos ater aos dados obtidos na pesquisa feita em residências.

Segundo os indicadores, apenas 9,39% dos indivíduos catalogados entre agosto e setembro de 2005, possuíam internet em casa, sendo a maioria residente das regiões metropolitanas de São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro, respectivamente. Os números apresentam também a classe econômica da massa de usuários, 63,33% deles eram pertencentes a classe A, contra apenas 0,95% das camadas D e E. Para aqueles que pregavam a democratização da informática, um dado perturbador a ser vencido: 67,76% nunca havia tido acesso à internet de nenhum lugar.

Em 2007, uma realidade ainda não muito satisfatória: 76% dos domicílios ainda não possuíam computador. Apesar disso, 41% dos entrevistados disseram já ter se conectado à rede pelo menos uma vez. Isso porque 55% dos internautas tiveram como meio um centro público de acesso pago e/ou gratuito, mostrando como esses espaços são importantes para a inclusão digital.

Hoje, em 2009, é inevitável não notar as diferenças trazidas por essas tecnologias. O cidadão de centros urbanos não consegue viver sem checar sua caixa de e-mail ou se informar pela *World Wide Web*. A evolução da internet é um fenômeno impressionante e que permitiu ao ser humano se conectar a pessoas que nunca teriam a oportunidade de conhecer pessoalmente, trocando informações sobre diferentes culturas. A internet tornou-se um espelho virtual do planeta, onde a sociedade existe e está ativa, trocando idéias, diminuindo fronteiras e movimentando capital.



Todas essas possibilidades, criaram o conceito de “*aldeia global*”, apresentado por Marshall MacLuhan (1967) como sendo uma tendência dos meios de comunicação a transformarem o mundo em uma pequena aldeia, onde todos se relacionariam com todos e participariam de tudo.

Mas, como apresentado acima, a conjuntura político-social de um país em desenvolvimento, como é o caso brasileiro, pode interferir na disseminação da cultura e atuar como ruído na comunicação digital. Elitizada, a internet perde o seu propósito social, de incluir as camadas populares nas discussões de construção de sociedade e conhecimento. Como, então, como proporcionar essa ferramenta a quem não tem acesso, devido a questões econômico-sociais?

Apoiando-se nas estatísticas apresentadas e em outras que mostram as diferenças de acessibilidade de região para região e de cidade para cidade, vamos apresentar nesse trabalho uma alternativa para governos locais no embate a exclusão digital. Pois entendemos, que as administrações municipais e estaduais, possuem importante papel na construção de uma sociedade digital mais ampla, com serviços de internet disponíveis a todos, independente de classe social e de grau de instrução.

Apesar de este ser um problema de âmbito mundial, um tratamento local, em primeiro momento, apresentaria importantes avanços. Visto que as administrações em pequenos espaços territoriais possuem a capacidade de mapear e entender melhor os impasses da interação digital, sob seu domínio. Investimentos que repercutem em “*ampliação da esfera pública e facilitam a ação coletiva de cinco maneiras*”, segundo Schmidtke (1998).

Fernanda dos Santos Pereira Pinto - 7º período de Comunicação-fernandaspp@yahoo.com.br

Renan Souza Barreto - 6º período de Comunicação-renancepar@gmail.com

Poliana Soares Luz - 5º período de Comunicação-polyluz86@hotmail.com

Anna Carolina Fernandes Lima – 7º período de Comunicação-carol.writer@hotmail.com



Para o autor, a internet reduz o custo da dispersão de informação e material de divulgação entre os integrantes de uma ação coletiva, além de aumentar as possibilidades de uma mobilização social. Os custos em termos de tempo, também são reduzidos pela eliminação da necessidade de coordenação dos horários dos participantes. A comunicação digital cria espaços de discussões temáticas, que resultam na convergência de ideias, ampliando as conclusões intelectuais coletivas. Elimina hierarquias e aumenta o sentimento de democracia, uma vez que os indivíduos participam de processos decisórios.

No entanto, diferentemente da ideologia apresentada por esse autor, esse trabalho não se sustenta no conceito de “horizontalidade da comunicação”. Alguns pensadores que a discutem, chegam a duvidar do conceito de aldeia global, afirmando que, devido a questões culturais e apesar da possibilidade de conexão com alguém que está do outro lado do mundo, as pessoas preferem e ainda mantêm maior interação com os mais próximos, residentes do seu país, estado, cidade.

Acreditamos que esse pode ser o primeiro momento. Estimulado, como já dito acima, pelos governos locais. Mas que a interligação desses projetos locais deve fazer com que os usuários, sem distinções, troquem e multipliquem suas informações, culturas, idéias, opiniões com pessoas de todo o mundo. Que busquem soluções sociais e que desenvolvam-se apoiados nas experiências alheias de sucesso, utilizando assim de maneira positiva a tecnologia digital.

Capítulo 3 – Os governos locais e os Telecentros como ferramentas de inclusão digital.

Os Telecentros são espaços com computadores conectados á internet, na maioria das vezes geridos por governos municipais, podendo ainda receber verbas federais e fazer parcerias com a iniciativa privada. Além de proporcionar o uso livre dos equipamentos,



costumam oferecer cursos básicos de internet, solucionando assim um dos grandes problemas de acessibilidade: a escassez de conhecimento técnico. A falta de habilidade com o computador ou com a internet foi o principal fator apontado pelos que nunca tinham se conectado à rede, pesquisados pelo CGI em parceria com o IBGE, em 2007.

O projeto dos Telecentros prevê ainda que a distribuição das unidades seja feita de maneira inteligente, segundo um mapeamento de sua área de atuação. É indicado que estejam situadas em áreas carentes, onde haja grande número de pessoas que não possuam outros métodos de acesso, além deste centro público gratuito. A proximidade com escolas também é indicada, devido ao caráter educacional dessas atividades.

Por fim, oficinas especiais também podem ser montadas, respeitando o interesse e a capacidade comercial de cada região. Cursos específicos podem ser criados pelas administrações municipais, buscando capacitar mão-de-obra para o mercado local.

Por essa capacidade de promover, aquilo que entendemos como o primeiro momento da inclusão digital, a comunicação vertical entre aqueles que não conheciam a tecnologia, o projeto de telecentros é a discussão geral desse trabalho, sendo utilizada a programação das unidades de Niterói como exemplo.

O motivo de escolhermos essa localidade é o nosso entendimento de que, através de um programa realizado em 2007, em parceria com o Telecentro de Rio Branco do Acre, a cidade conseguiu o êxito de avançar a um segundo estágio: a interação além dos limites da municipalidade.

Tendo essa ideia como principal vertente, a Prefeitura Municipal de Niterói implantou em 2004 o projeto Telecentro gerido pela Secretaria de Educação em parceria com a Subsecretaria de Modernização Administrativa.

Fernanda dos Santos Pereira Pinto - 7º período de Comunicação-fernandaspp@yahoo.com.br

Renan Souza Barreto - 6º período de Comunicação-renancepar@gmail.com

Poliana Soares Luz - 5º período de Comunicação-polyluz86@hotmail.com

Anna Carolina Fernandes Lima – 7º período de Comunicação-carol.writer@hotmail.com



O projeto é baseado em algumas experiências de inclusão digital no Brasil, com a abertura de salas com computadores conectados à Internet banda larga. Cada unidade possui entre 5 e 20 microcomputadores com sistema operacional Linux Debian, tendo instrutores treinados pela Prefeitura para o atendimento e monitoramento das atividades.²

O projeto fechou 2008 com 19 unidades espalhadas pela cidade em pontos onde a população possui menor poder aquisitivo como: Morro do Cavalão, Morro do Estado, Vila Ypiranga, Caramujo, Barreto, Fazendinha.

Capítulo 4 - A criação do projeto Interação Digital em Niterói

O programa Interação Digital foi concebido no primeiro semestre de 2007 e teve como proposta fazer com que jovens de realidades diferentes pudessem trocar informações sobre suas formas de ver a vida, as peculiaridades de suas cidades e suas experiências pessoais, fazendo com que criem um laço de amizade e entendam a importância do uso da internet e da inclusão digital. A equipe de jovens que participou do projeto foi formada por moradores de bairros considerados carentes em Niterói: Barreto e Morro do Cavalão e entraram em contato com a equipe do Telecentro localizado no bairro Esperança, em Rio Branco no Acre.

Diante da necessidade crescente de inserção da totalidade da população no contexto da “nova sociedade” informatizada, o projeto foi importante para criar diversas atividades, implantando conceitos mais modernos no que tange ao viés pedagógico e ensinando a esses jovens que a internet é uma ferramenta que ultrapassa o senso comum de puro entretenimento, sendo uma ferramenta de acesso ao conhecimento.

A criação do então Subsecretário de Modernização Administrativa, Edson Machado, e da então Coordenadora Pedagógica, Darjela Cima, teve o intuito de trocar idéias entre outros Telecentros espalhados pelo país e fazer um intercâmbio de informações para aprender com as iniciativas que tenham dado certo em outros estados do Brasil. O



convite foi feito a vários órgãos governamentais responsáveis pelos Telecentros em todo país. Apenas o governo do estado do Acre respondeu e se interessou nesse programa.

Dado o primeiro passo e tendo as devidas negociações relacionadas à funcionalidade do projeto resolvidas, precisava-se escolher quem formaria as equipes de ambos os lugares. Quatro crianças do Morro do Cavalão e uma criança do Barreto, em Niterói, foram assistidas pelo projeto. O grupo do Acre era formado por 4 crianças do bairro Esperança, em Rio Branco.

O primeiro contato consistiu em conversas com duração estimulada em 1 hora, às 11h no horário de Brasília. Durante as conversas via chat, os participantes discutiam sobre suas vidas e se apresentavam formalmente para mais tarde discutirem outros assuntos. O Interação Digital foi responsável pelo resgate histórico e cultural dos lugares onde o jovens componentes das equipes moravam.

No momento em que essa interação começou a ocorrer com mais frequência, os usuários trocaram informações sobre suas experiências nas unidades do Telecentro, as atividades que são desenvolvidas, a própria realidade, o espaço físico e geográfico onde cada um está inserido, ou seja, estabeleceram uma relação de aproximação entre si e suas experiências através das ferramentas disponibilizadas.

As atividades foram divididas em várias etapas: Conversas via chat, tarefas e postagens de textos e imagens no blog oficial criado pela equipe do Acre (<http://telecentroesperanca.zip.net>). Durante os quatro meses de trabalhos, os participantes precisavam entrar no site oficial do projeto, criado pela Subsecretaria de Modernização Administrativa, (<http://www.telecentro.niteroi.rj.gov.br>) para



descobrirem qual seria a tarefa a ser realizada. Semanalmente, o site era atualizado para que as equipes pudessem fazer o que se pedia nos textos.

O “Interação Digital” possuía um objetivo claro, que era mostrar a importância da acessibilidade à internet e otimizar seu uso. A internet não tem fronteiras, mas cria barreiras ainda em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos devido ao alto preço das máquinas necessárias para usufruir desse serviço. No Telecentro, os usuários puderam constatar que o mundo está conectado e que a internet é um meio de comunicação revolucionário e em constante transformação. E mais que isso, puderam se sentir parte desse novo mundo, pois facilitadores de acesso fizeram com que superassem a barreira da falta de conhecimentos técnicos.

Segundo Pierre Lévy, em “Cibercultura”, a rede mundial de computadores é um meio de comunicação todos-todos, pois tem a capacidade de fazer com que “todos” possam entrar em contato com “todos”, diferente da TV (um-todos) e do telefone (um-um).

Enfim, o início desse projeto marcou Niterói pelo fato de ter sido pioneiro em sua proposta, além de buscar avançar na luta para amenizar as grandes diferenças impostas pelo abismo existente entre as classes sociais do nosso país.

Capítulo 5 - A passagem do virtual para o físico

A palavra virtual tem várias conotações e em alguns casos se contrapõe à realidade, entretanto o contato de uma pessoa virtualmente (pela internet) não significa que seja um contato falso, pelo contrário, é real só não é físico. Devido a erros de interpretação que existem alguns problemas “com os conceitos do que é o virtual” de verdade (Pierre Lévy – O que é o virtual?), fazendo muitos errarem em suas dissertações.

Por isso, é preferível usar a expressão realidade virtual, pois a interação é real, há comunicação, portanto não é falso. Apenas o fato de se usar uma máquina para mediar



os diálogos que pode levar o ser humano à ilusão de estar falando diretamente com a máquina.

Utilizar uma ferramenta de comunicação como a internet é indispensável no mundo contemporâneo, e foi aprendendo a usá-la da melhor forma que as crianças do Acre e Niterói conseguiram interagir e ver como as distâncias podem ser encurtadas no mundo digital.

O projeto “Interação Digital” teve como principal viés a interação entre usuários de Telecentros, previamente escolhidos em Niterói e em Rio Branco. A comunicação entre as equipes foi estabelecida primeiramente em março de 2007 com uma conversa via *chat* entre os participantes para se apresentarem.

O primeiro momento foi tomado por timidez e insegurança como em uma conversa física entre crianças. Contudo a partir da semana seguinte a situação mudou devido à estrutura das atividades que contava com uma gincana cultural digital. Por exemplo, dois integrantes, um de Niterói e outro do Acre, combinaram que no encontro presencial trocariam alguns cartões telefônicos, pois durante as conversas descobriram que ambos eram colecionadores. As atividades tinham como foco pedagógico, o entendimento das distintas realidades e o resgate histórico das comunidades em questão.

A atualização das atividades acontecia semanalmente no site oficial do projeto e ambas as equipes deviam concluir o que era pedido. Durante os dias de realização das tarefas, as crianças precisavam pesquisar sobre suas cidades e bairros por meio de pesquisas na internet, através de entrevistas com moradores e autoridades de suas comunidades e tirando fotos.

Fernanda dos Santos Pereira Pinto - 7º período de Comunicação-fernandaspp@yahoo.com.br

Renan Souza Barreto - 6º período de Comunicação-renancepar@gmail.com

Poliana Soares Luz - 5º período de Comunicação-polyluz86@hotmail.com

Anna Carolina Fernandes Lima – 7º período de Comunicação-carol.writer@hotmail.com



Ao terminarem cada módulo, os resultados de seus feitos eram postados no blog oficial do projeto. Isso proporcionou aos jovens conhecerem o próprio lugar onde moravam, pois sem o incentivo do projeto, eles continuariam sem saber o porquê de seus bairros possuírem tais nomes, os critérios adotados na delimitação geográfica e a dinâmica do índice demográfico de suas cidades e estados.

Após quatro meses de conversas e interação digital, os participantes tiveram a oportunidade de encontrarem-se pessoalmente em Niterói. Foram à cidade, dois participantes da equipe do Acre, Jefferson Wesley Souza da Silva (14) e Jeyson da Silva Oliveira (14). O projeto proporcionou a esses meninos uma viagem que não poderiam fazer com recursos próprios.

Chegando ao Rio de Janeiro, foram levados a conhecer tudo o que só tinham visto pela internet. Foram à praia e viram o mar pela primeira vez, visitaram os pontos turísticos da cidade como descreve o trecho retirado do blog do Telecentro Niterói:

(...)A parada seguinte foi a unidade de Jurujuba, que tem como parceira a Escola Municipal Profª Lucia Maria Silveira Rocha. Na escola, os alunos fizeram várias homenagens aos visitantes: deram presentes; levaram os visitantes para um tour pelo bairro e mostraram a Fortaleza de Santa Cruz e as belezas naturais da orla.

Após esse encontro as equipes participantes do projeto Interação Digital partiram para o Teatro Popular, local este que faz parte do conjunto de obras arquitetônicas que constituem o caminho Niemeyer. Eles ficaram bastante impressionados pela grandiosidade da construção e pelo ambicioso projeto de todo o Caminho (...)

Sem sombra de dúvidas, o cartão-postal de Niterói mais conhecido é o Museu de Arte Contemporânea, por isso a chegada a este ponto era tão aguardada. No museu, as equipes de ambos os Estados puderam observar uma exposição de obras de arte e aprender um pouco mais. (...)

As impressões foram as melhores possíveis e de acordo com a própria equipe convidada, ‘ Niterói é uma cidade linda’³.

Os meninos do Acre faziam comparações comuns entre os dois estados, principalmente pelo fato de o Rio possuir muitas montanhas, enquanto o estado de



origem deles ser predominantemente plano. Essa é uma prova de que o encontro pela internet é real e não apenas virtual. A comunicação existe e a internet é fonte de cultura, quando usada sabiamente. Os meninos do Acre encontraram no seu destinatário o que aprenderam ainda em Rio Branco através do Telecentro. Eles ainda descobriram como os Telecentros funcionam na cidade e como é dividido o tempo aqui.

Sentiram um pouco com o fuso horário, mas essa foi uma barreira que tiveram que ultrapassar e que logo não existia, porque se acostumaram com facilidade. Os estudantes visitaram também a Câmara dos Vereadores da cidade, onde participaram do Ato Oficial, no dia 25 de junho 2007, data da primeira comemoração do dia Municipal de Inclusão Digital de Niterói, culminância do projeto.

Conclusão

O projeto Interação Digital mostrou que é possível e necessário o uso responsável da internet e como os governos locais devem incentivar e criar projetos de acesso ao conhecimento de informática, pois a inclusão digital é um assunto que está em voga nas maiores potências mundiais, além de ser essencial para a vida do homem moderno.

O programa da Secretaria Municipal de Educação de Niterói, em parceria com a Subsecretaria de Modernização Administrativa, é um exemplo de que os recursos públicos, mesmo que em pequena escala, podem revolucionar a relação entre o indivíduo e as tecnologias.

Fernanda dos Santos Pereira Pinto - 7º período de Comunicação-fernandaspp@yahoo.com.br
Renan Souza Barreto - 6º período de Comunicação-renancepar@gmail.com
Poliana Soares Luz - 5º período de Comunicação-polyluz86@hotmail.com
Anna Carolina Fernandes Lima – 7º período de Comunicação-carol.writer@hotmail.com



Este trabalho não está propondo que essa pequena amostra do projeto de Niterói tenha mudado a realidade brasileira em relação a acessibilidade à rede mundial de computadores. Mas ele sugere que ideias como esta são capazes de produzir interesse um “efeito dominó”, quanto reproduzidas por outras organizações.

Vale ressaltar que a administração municipal da cidade utilizou ferramentas que já estavam em sua posse, como os telecentros, seus computadores e funcionários, o que barateou o custo do projeto. A Coordenadora Pedagógica, Darjela Cima, explicou que os blogs e outras ferramentas digitais foram produzidos com recursos já adquirindo, resumindo-se os gastos com transportes e alimentação dos envolvidos.

Entendemos como funcional o programa que movimentou os espaços públicos de acesso, não permitindo que eles fossem locais engessados e faixadas para campanhas eleitorais. E principalmente, por ter se tornado o berço do Dia Municipal da Inclusão Digital na cidade, que só terá valor se perpetuada pelas administrações sucessoras e pela sociedade atuante.

O assunto de âmbito global é de responsabilidade de cada um e cabe a sociedade traçar os parâmetros em que a internet deve se desenvolver e a serviço de quem ela deve estar. De uma maioria, que possui pouco ou nenhum acesso à cultura e à educação ou de uma minoria, dotada de recursos para buscar informação e entretenimento de outras formas?

Com um mercado de trabalho, cada vez mais exigente e excludente, o que será do profissional sem acesso aos meios modernos de comunicação. Saber utilizar a ferramenta da melhor forma é uma obrigação do futuro profissional que almeja um bom emprego. Por isso, esse trabalho defendeu medidas criativas e iniciativas inovadoras para possibilitar a democratização das novas TICs, em especial para o público estudantil.



O Governo do Estado do Acre e a Prefeitura Municipal de Niterói entenderam que o presente é composto de paradigmas que não existiam há duas décadas. Por isso existem Telecentros assistindo mais de 30 mil pessoas só em Niterói, um número razoável visto que a população total da cidade não passa de 600 mil habitantes. A parceria com o Acre no projeto Interação Digital foi uma prova de que pode-se fazer um trabalho inovador e de qualidade, desmistificando a cultura de que o servidor público não procura obstáculos novos para superar.

Ainda segundo os organizadores, a maior vitória do trabalho foi o fato de ter conseguido provar que a comunicação virtual é possível e é real, mas não deixou de preservar a velha forma de interação frente a frente, usando como ponto culminante o encontro físico entre os participantes.

Enfim, a internet é a grande ferramenta de comunicação do século XXI e está aí para ser usada de forma inteligente e mostra que pode agregar cultura a qualquer um, desde que encontremos métodos populares de levar essa cultura digital, ou “cibercultura” aos espaços que, ainda nos dias de hoje, a cultura tradicional luta para ingressar.

Anexo

Fernanda dos Santos Pereira Pinto - 7º período de Comunicação-fernandaspp@yahoo.com.br
Renan Souza Barreto - 6º período de Comunicação-renancepar@gmail.com
Poliana Soares Luz - 5º período de Comunicação-polyluz86@hotmail.com
Anna Carolina Fernandes Lima – 7º período de Comunicação-carol.writer@hotmail.com



Montagem com os principais momentos do projeto Interação Digital retirada do seguinte endereço: <http://www.niteroitelecentro-rj.blogspot.com>

Bibliografia

1. <http://www.cgi.br/regulamentacao/notas.htm>
2. <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=11&rv=Vivencia>
3. http://www.telecentro.niteroi.rj.gov.br/interacao_digital

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo, Editora 34. 2007

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo, Editora 34. 2003

ESEINBERG, José. Internet Popular e Democracia nas cidades. 2007

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Lisboa, Relógio d'água. 1981

Site Telecentro Niterói: <http://www.telecentro.niteroi.rj.gov.br>

Blog Telecentro Niterói: <http://www.niteroitelecentro-rj.blogspot.com>

Site Interação Digital: http://www.telecentro.niteroi.rj.gov.br/interacao_digital

Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Comunicação, espaço e cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.